

Henrique Mindlin e seu escritório - a inserção da arquitetura na cadeia produtiva moderna

Antonio Sena Batista

BATISTA, Anônio Sena. Henrique Mindlin e seu escritório - a inserção da arquitetura na cadeia produtiva moderna. *Thésis*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, p. 74-89, jul./dez. 2016

data de submissão: 25/05/2016
data de aceite: 25/08/2016

Antonio Sena Batista é Doutor em História (PUC-Rio 2011) e Professor do Departamento de Arquitetura e Urbanismo (PCU-Rio).

Resumo

Atuando paralelamente aos grupos privilegiados pela historiografia da arquitetura moderna brasileira (Escola Carioca e Brutalismo Paulista), Henrique Mindlin estabeleceu uma carreira extremamente produtiva. Dentre suas obras, destacam-se os edifícios comerciais e hotéis de grande altura que foram erguidos, principalmente, em São Paulo e no Rio de Janeiro, participando assim da constituição da paisagem moderna dessas cidades. Suas obras resultam da adoção de um pensamento arquitetônico voltado para a inclusão da arquitetura na cadeia produtiva moderna, privilegiando a sistematização de processos de concepção, representação e administração, o que o levou a constituir um grande escritório de arquitetura. Este texto se propõe a analisar o pensamento que subjazia a produção de Mindlin e rebater as críticas que reduzem sua produção a uma cópia dos arranha-céus americanos.

Palavras-chave: arquitetura moderna brasileira, arranha-céus, sistematização.

Abstract

Working alongside the groups privileged by the modern architecture historiography written in Brazil (Escola Carioca and Brutalismo Paulista), Henrique Mindlin established an extremely productive career. The majority of the outstanding buildings he designed are commercial buildings and high-rise hotel, which were built in São Paulo and Rio de Janeiro, thereby participating in the establishment of the modern landscape of these cities. His works result from the adoption of an architectural thought that maintain its focus on the inclusion of architecture in the modern production chain, privileging the systematization of processes of design, representation and administration, which led him to be a major architectural firm. This text aims to examine the thinking behind Mindlin's production and to rebut the criticism that reduces the production of his office to a copy of American skyscrapers.

Key-words: Brazilian modern architecture, skyscrapers, systematization

Resumen

Trabajando paralelamente a los grupos privilegiados de la historiografía de la arquitectura moderna brasileña (Escola Carioca y Brutalismo Paulista), Henrique Mindlin estableció una carrera muy productiva. Entre sus obras, se destacan los edificios comerciales y hoteles de gran altura que se erigieron, principalmente en Sao Paulo y Río de Janeiro, participando así en el establecimiento del paisaje moderno de estas ciudades. Sus obras son el resultado de la adopción de un pensamiento arquitectónico con vistas a la inclusión de la arquitectura en la cadena de producción moderna, privilegiando la sistematización de los procesos de diseño, representación y administración, que lo llevaron a ser un importante estudio de arquitectura. Este texto se propone analizar el pensamiento que subyace en la producción de Mindlin y refutar las críticas que reducen la producción de una copia de los rascacielos americanos.

Palavras-clave: la arquitectura moderna brasileña, rascacielos, sistematización.



Introdução

Os arquitetos da fase inicial do movimento moderno pretendiam estabelecer uma sociedade mais justa e, portanto, mais igualitária, guiados principalmente pela articulação entre arquitetura e tecnologia e por ideologias de base socialista. No entanto, os fatos - sendo o danoso evento da Segunda Guerra Mundial o principal deles - mostraram que o determinismo entre progresso tecnológico e justiça social era uma ilusão.

Passado o momento imediatamente após o final da guerra, no qual viram se abrir oportunidades de por em prática as ideias modernas - principalmente no que concernia a reconstrução das cidades -, voltam sua atenção para o estabelecimento de um processo de reexame crítico da arquitetura moderna inicial. Tal reexame, que surge na década de 1950, daria origem, na Europa, a um grande e polifônico gama de propostas, que em sua maioria valorizava o resgate da especificidade de identidades e lugares, mantendo, no entanto, certo viés socializante subjacente às novas ações propostas, apesar de muito menos utópicas. Nesse movimento de releitura, o pensamento sobre a cidade ganha grande destaque. Opondo-se às propostas da Carta de Atenas e seu urbanismo funcionalista, arquitetos ingleses e holandeses, principalmente, inspiram-se em estudos sócio-antropológicos e tomam como foco de seu questionamento a noção de "Habitat", voltando o pensamento da cidade para a moradia e os espaços de convívio.

Nos EUA, a resposta foi diversa: o grande impulso tecnológico que a urgência da guerra fez surgir foi transferido para a vida cotidiana da sociedade como decorrência pertinente a uma cultura constituída a partir de pragmatismo e da moral puritana. O rápido desenvolvimento urbano e a apropriação das invenções científicas e de métodos desenvolvidos durante a Segunda Guerra Mundial alteraram significativamente as preocupações da arquitetura e o edifício comercial desenvolvido em altura ganha grande impulso e passa a definir arquiteturalmente o movimento moderno americano.

Se o adensamento urbano ocorrido entre as últimas décadas do século XIX e as primeiras décadas do século XX nas cidades dos EUA implicou o surgimento da tipologia do edifício de grande desenvolvimento vertical, o desdobramento dessa tipologia, levando a uma ainda maior verticalização, "o arranha-céu, ou a torre, assume, no pós-guerra, um papel de arena ideal para

a demonstração das mudanças culturais e tecnológicas das décadas recentes” (ÁBALOS e HERREROS, 2005, p: 4 – em livre tradução). Finalmente, a tecnologia construtiva industrial assume o papel principal na concepção arquitetônica. Tendo destaque nos estudos de grande número de arquitetos modernos, especialmente nos de Le Corbusier (1887-1965) e Mies van der Rohe (1886-1969), o “edifício box” ocupa, nas experiências em solo americano, o lugar de síntese arquitetônica dos diversos princípios que embasavam o estabelecimento da sociedade técnica-racionalista, feita por profissionais:

Como o arranha-céu originou-se do desenvolvimento tecnológico, ele tinha o potencial de oferecer uma interpretação simbólica da máquina; sua substância arquitetônica surge da necessidade, o que o torna um exemplo ideal entre os demais tipos arquitetônicos. Além disso, o arranha-céu pressupunha uma conexão direta entre conhecimento tecnológico, sistemas industrializados de produção, e tipologia, visto que sua invenção era resultado de todos esses fatores (ÁBALOS e HERREROS, 2005, p:9).

Desenha-se, assim, o surgimento de uma nova paisagem para a cidade moderna, que passa a ser dominada pelos enormes edifícios corporativos. Essas enormes torres, bastante distintas das edificações verticalizadas previstas nos projetos de Le Corbusier e Mies Van der Rohe, ensaiam o estabelecimento de uma espacialidade urbana que parte de uma rigorosa lógica de produção e de consumo.

No Brasil, nesse momento, vivíamos uma fase de transição. Lentamente, substituíamos a Europa pelos EUA como modelo civilizatório. A vitória das forças aliadas comandadas pelo exército americano e o grande desenvolvimento que esse país alcança no pós-guerra corroboraram para a mudança de rumo brasileira. Tal movimento, no entanto, não se apresentava como uma consciente adesão aos preceitos racionalistas puritanos dos americanos, mas, por outro lado, tampouco se percebia uma clara valorização, por parte da sociedade brasileira, do pensamento socializante europeu. Como propôs Alain Touraine, a introdução tardia dos processos racionais mais instrumentalizadores não permitiu o estabelecimento de uma divisão dura entre dominadores racionais e dominados, condição essencial para o surgimento do conceito de classes que poderia estabelecer desdobramentos socialistas em nosso país (TOURAINÉ, 1989). Devemos levar também em conta que a ausência de um processo racionalizador mais amplo e de longa duração nos privou de um embate direto com os malefícios que tal estruturação inevitavelmente traria em seu bojo.

Assim, diante da pouca consciência crítica, os valores derivados do racionalismo de dominação, para usar os termos de Max Weber, – e sua conseqüente industrialização – são despidos de quase todos seus atributos negativos e, idealizados, passam a ser pensados como um instrumento implementador de uma sociedade mais justa, tomando-se a imagem que se tinha então dos Estados Unidos como exemplo. O que resulta em termos políticos é o afloramento de programas para o país que tenderam a valorizar, quase que exclusivamente, aspectos “desenvolvimentistas”, tendo a industrialização como principal paradigma.

Vê-se, então, a implementação de um impulso modernizador no Brasil. Esse impulso, que começa com a intensificação do desenvolvimento de tipo capitalista, durante o governo de Juscelino Kubitschek, aumenta significativamente a partir da segunda metade da década de 1960 – já sob o regime militar-, com as medidas econômicas que reformularam a Lei de Remessas de Lucros, estimulando a instalação de empresas estrangeiras (PRADO e SÁ EARP, 2010).

A entrada de um grande número dessas empresas, organizadas segundo critérios altamente racionalizados, força a convivência de, pelo menos, três lógicas distintas de produção no país: a primeira seria a produção ainda debitária dos processos de artesanias; a segunda, aquela na qual havia o predomínio de um padrão de direção de empreendimentos baseados na autoridade obtida pelo controle da propriedade – conectado, em geral, a grupos familiares –, que determinaria certo afrouxamento dos rigores organizacionais racionais; o terceiro sendo aquele praticado pelas de empresas de economia mista, recém estabelecidas e que operavam segundo “novos padrões de direção e gestão”, que impunham velocidade e eficiência otimizadas (CARDOSO, 1972).

A arquitetura, diante de tal guinada no quadro político-cultural e da multiplicidade estabelecida nos processos produtivos de nossa sociedade, rompe com certa unicidade percebida em sua fase heroica e oscila entre posições distintas e, por vezes, contraditórias. Dentre tais posições, destacamos a manutenção das pesquisas plásticas da então nomeada escola carioca, que de certa forma aproximava a arquitetura brasileira dos questionamentos europeus sobre lugar e identidade, visto a ela parecer subjazer um projeto de identidade nacional (talvez possamos pensar os prédios simbólicos de Brasília como o vértice dessa posição); a assunção de um pensamento comprometido com as proposições socialistas, estruturado, principalmente,

por Vilanova Artigas (1915-1985), que leva a questionamentos mais explícitos sobre a relação entre arquitetura e construção social da cidade; e a percepção da necessidade de aproximar o modo de operação da arquitetura brasileira àquele assumido pelos demais profissionais inseridos na cadeia produtiva tecnológica-industrial moderna – adotando, portanto, valores semelhantes àqueles guiavam os arquitetos americanos do período.

Queremos, aqui, então, propor uma breve análise de alguns aspectos da obra de Henrique Ephim Mindlin (1911-1971) e dos arquitetos que com ele colaboraram, que buscavam alcançar uma arquitetura que teria como principal característica o entendimento da arquitetura como parte de uma grande cadeia de industrialização. Esse entendimento estruturaria grande parte das escolhas desse grupo de arquitetos desde a sua organização – talvez, o primeiro escritório em sentido restrito a se instalar no mercado carioca, dominado por pequenos ateliers de arquitetura e por empresas técnicas comandados por engenheiros -, e que determinaria o predomínio da tipologia do edifício “box” isolado, estabelecendo, portanto, uma relação específica com a ideia de cidade que estava começando a ser implementada no país.

Escritório de arquitetura ao invés de ateliers de arquitetos

Henrique Mindlin começa sua atividade profissional em São Paulo, no final da década de 1930, projetando residências e pequenos edifícios. Durante o período da Segunda Guerra, trabalha na Coordenação de Mobilização Econômica (CME), no Setor de Construções Civas, o que lhe rendeu uma participação como consultor da *National Housing Agency* a convite do *Office of the Coordinator of Inter-American Affairs*. Através desse órgão paraestatal, criado pela política de boa-vizinhança norte americana, Mindlin passa quase nove meses nos EUA, visitando construções modernas que faziam parte do “esforço americano de guerra”. Tal aproximação com o pensamento arquitetônico e com as técnicas construtivas utilizadas pela indústria da construção civil americana seria determinante para a guinada que daria ao voltar para o Brasil e para sua atividade como arquiteto dali em diante. Ao retomar suas atividades, decide se instalar no Rio de Janeiro e estabelece uma clara busca de possibilidades de implementação das ideias e processos que aprendera na sua viagem a América do Norte. Passa a buscar, então, parcerias com as empresas estrangeiras que

começam a se instalar no país e, para atendê-las (e para responder ao entendimento da arquitetura como uma atividade inserida na cadeia produtiva moderna), irá constituir um esforço sistemático de estalecimento de processos de padronização, que tanto abrangeriam a concepção e facção do projeto, quanto os métodos construtivos empregados.

Tais esforços levariam à criação de um **escritório** de arquitetura, que surgiria como resultado da lenta asunção dos processos racionais modernos de trabalho. No campo da Arquitetura, poderíamos propor que o escritório se oporia à organização dos **ateliers** de arquitetura, ainda predominante, de forte influência artesanal e frequentemente de caráter informal.

O escritório é oficialmente estabelecido somente em 1964, assumindo o nome de Henrique Mindlin, Giancarlo Palanti e Arquitetos Associados Sociedade Civil Ltda. Além de Mindlin e Giancarlo Palanti (1906-1977), participam inicialmente do escritório os arquitetos Marc Fondoukas (1913-1983), Walmir Amaral (n.1931) e Walter Morrison (1926-2003). A constituição de uma empresa de arquitetos cuja atividade única era o desenvolvimento de projetos se torna, desde o início, um diferencial frente ao já descrito predomínio, no mercado de construção civil da cidade, de arquitetos autônomos ou organizados em pequenos ateliês, ou, ainda, no polo oposto, constituindo empresas construtoras. Em 1966, com a saída de Palanti, assumem o nome de Henrique Mindlin Arquitetos Associados.

O escritório, existente até os dias de hoje, tornar-se-ia o maior escritório da arquitetura da cidade ainda na década de 1960, chegando a empregar meia centena de funcionários. Sua organização responderia a princípios racionais, que envolviam tanto a concepção dos projetos, a padronização de todos procedimentos de representação e os processos administrativos.

Podemos dizer que o escritório nasce igualmente do incômodo de Henrique Mindlin com a situação da arquitetura brasileira. Se em algumas de suas primeiras falas, nas décadas de 1940 e 1950, estava presente uma admiração sincera pelas inovações e soluções que a "nova arquitetura" feita no país trouxera¹, rapidamente Mindlin se torna um crítico consciencioso dos excessos autorais, do espírito de "vedete"² e da ausência de um sentido social mais agudo percebida em seus contemporâneos³. Propõe, então, um escritório que ultrapassasse os individualismos, o desejo de assinatura; que entendesse o projeto como "um contínuo trabalho de equipe [...] num terreno de coo-

¹ Como exemplo, podemos citar parte de sua conferência feita, em 1945, para alunos da Universidade Mackenzie: "Não se trata de nacionalismo, e sim de uma adaptação profunda à terra e ao meio. Dentro da mais completa identificação com o espírito da nossa época, sobre a base larga de liberdade espiritual, que é uma tradição da nossa cultura, ao sopro de um lirismo que é o reflexo da alma coletiva, os novos arquitetos do Brasil estão criando a arquitetura do SOL." (MINLDIN, H. E. "A Nova Arquitetura e o Mundo de Hoje" – Conferência pronunciada na Escola de Engenharia Mackenzie, em 30-8-45. In: YOSHIDA, Célia et alii. Opus cit., p: 165-172).

² "Num país que tanto se cultua, e cultua, a vedete, em que tanto se respeita a bossa [...]." Excerto do texto "Um tranquilo purista" em que Henrique Mindlin apresenta a obra de Álvaro Vital Brazil (MINLDIN, H. E. "A Nova Arquitetura e o Mundo de Hoje" – Conferência pronunciada na Escola de Engenharia Mackenzie, em 30-8-45. In: YOSHIDA, Célia et alii. Opus cit., p: 165-172).

³ Como exemplo, podemos citar sua fala de 1968: "A arquitetura moderna adormecida, talvez, sob os louros das primeiras vitórias, em que a criação formal se integrava genuinamente na pesquisa de novas soluções técnicas, sociais, econômicas, deixou-se penetrar demais, seja dita a verdade, pelos germes de um academicismo [...]." (MINLDIN, H. E. "Discurso de Agradecimento na Academia Brasileira de Arte". Revista aba/GB. Rio de Janeiro, 1968. p. 81).

peração efetiva no qual o objetivo não é a glorificação individual, e sim a obra de arquitetura” (MINDLIN, 1962 apud YOSHIDA et alii, 1975. p: 28). E estas serão as principais características desse escritório: a valorização da arquitetura enquanto obra de uma equipe e inserida em um mercado em crescente aceleração dos procedimentos racionais; onde não caberia a priorização de gostos pessoais ou de gestos autorais, e sim o atendimento mais pleno e mais veloz possível das necessidades do cliente. O que daí resultava era uma arquitetura eficiente, bastante preocupada com a racionalização de seus processos e sem buscar diferenciais estéticos de grande monta. Talvez, por isso mesmo, sua obra seja pouco valorizada; quem sabe, por esse motivo, tenha sido tão negligenciada nos estudos sobre arquitetura brasileira ou condenada como cópia de pouca importância.

Escritório de arquitetura para uma sociedade moderna

Enquadrar o trabalho de Henrique Mindlin como mera cópia ou somente uma adesão aos valores americanos e, portanto, à lógica da produção e do consumo, parece ser uma simplificação a ser evitada. Obviamente, há uma valorização dos procedimentos racionais que guiam a arquitetura americana. Porém, há igualmente um entendimento — hoje, à distância, percebido como carregado de certo otimismo e ingenuidade — da existência de uma grande potência libertadora e de justiça social na adoção de princípios extremamente racionais para a produção do país.

No entendimento de Mindlin, o homem moderno seria necessariamente moldado pelo avanço da racionalidade formal. Ele o vê positivamente sem, no entanto, deixar de percebê-lo como menos cerimonioso, “mais apressado, menos próspero [...] e, infelizmente, menos sequioso de cultura” (MINDLIN, “*O Grande Hotel*”, 1962). Podemos inferir, portanto, que este homem moderno é, para Mindlin, uma pessoa de classe média, participante da nova sociedade de massa, usufruindo de todas as benesses que seus rendimentos, como profissional moderno, podem lhe proporcionar. Ou seja, ainda haveria para Mindlin certa imbricação determinista entre racionalidade e bem-estar social.

Podemos, então, pressupor que a ação do arquiteto, nessa operação para ajudar a estabilização de maior igualdade social, viria através do oferecimento de um ambiente confortável, racionalmente pensado e, portanto, eficiente para o homem moderno, apontando,

assim, para um campo ideológico próximo das ideias de Keynes, cuja concretude da vida diária faz praticamente desaparecer qualquer traço de utopia.

São perceptíveis grandes contradições nesse posicionamento. Afinal, Mindlin não parece se preocupar com o empobrecimento vital e cultural que tal predomínio da racionalidade formal poderia trazer para sociedade como um todo. A jaula de ferro weberiana⁴ talvez fosse vista como um problema fora da área de alcance da arquitetura ou um preço a ser pago por um mundo socialmente mais justo. Igualmente, essa firme convicção de Mindlin de que o espraiamento dos procedimentos racionais proporcionaria “um quadro material adequado” para a toda a sociedade -assumindo, assim, um caráter benéfico de instrumento para o alcance de certa igualdade social-, parece permitir, em seu pensamento arquitetônico, sem grandes constrangimentos, a redução desse homem ao papel de usuário (termo constante em seus textos).

⁴ Nesse sentido ver WEBER, Max. *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*.



Figura 1
Edifício Avenida Central
Fonte: o autor

Mas, ao invés de condenar ou negar tais contradições, devemos assumi-las. Afinal, a coexistência de certo desejo de igualdade social e da aceitação do risco do empobrecimento e aprisionamento determinados pela adoção do pensamento racionalizante são constantes em quase todo pensamento moderno da arquitetura. Assim, o embate entre liberdade e aprisionamento parece ser estruturante da modernidade, sendo mais consciente em alguns arquitetos e menos em outros. No caso de Henrique Mindlin, uma leitura possível para a assunção de tal contradição está no embate entre aquilo que os sociólogos chamam de *Gesellschaft*, "sociedade", nos termos de Tönnies, e o que chamam de *Gemeinschaft*, "comunidade". Talvez, arquitetos como Mindlin desejassem corroborar para o estabelecimento dos valores que regeriam a vida numa "sociedade", regulamentados por certa impessoalidade e universalidade determinadas pelo "princípio racional, formal e negativo segundo o qual a limitação da liberdade de uma pessoa não é lícita senão enquanto necessária para garantir a compatibilidade da maximização da sua liberdade com a maximização da liberdade de cada uma das demais" (CÍCERO, 2005); talvez o desnível social verificado no país fosse creditado unicamente à manutenção de valores ainda conectados a hierarquias, relações pessoais e complementares, baseadas na memória e na tradição, pertinentes à *Gemeinschaft*.

Arquitetura para a cidade moderna: o edifício box e os procedimentos de estandardização

Para Henrique Mindlin, o homem moderno estaria necessariamente imerso na grande cidade, onde o adensamento e a verticalização não determinariam, necessariamente, a diminuição da qualidade de vida. Contrariamente à crítica de Lewis Mumford, usada como base teórica do artigo assinado pelo arquiteto Maurício Nogueira Batista⁵ depreciando seus edifícios comerciais, Mindlin percebia esse movimento como uma necessária e inelutável "adaptação da cidade à escala e à dinâmica" (MINDLIN, "Discurso de Agradecimento na Academia Brasileira de Arte". Revista ABGB, Rio de Janeiro, 1968; p: 80) dos tempos modernos. Logo, a tipologia do edifício desenvolvido em altura não era percebida como um "arquivo de seres humanos, cujos ocupantes passavam os dias a circunspectamente cuidar de papéis, numerando, carimbando, estocando, despachando, registrando, multiplicando, arquivando [...]" (MUNFORD, A cultura das cidades, Apud BATISTA, M. Revista Arquitetura IAB.

⁵ O artigo de Maurício Nogueira Batista interessa diretamente a este texto visto ser ilustrado pelos Edifícios Avenida Central e BEG, de autoria do Escritório de Henrique Mindlin. Além disso, nesse número da revista "Arquitetura IAB", dedicado inteiramente à questão do edifício comercial, são publicadas matérias específicas sobre o Edifício Avenida Central (p. 12-14), o Edifício do *First National City Bank*, de Recife (p. 15-16) e o Edifício do *Bank of London*, de São Paulo (p. 17-19), todos de autoria do escritório de Mindlin. No artigo, Maurício recorre a diversas obras de Lewis Mumford para depreciar a verticalização das cidades, em especial os edifícios comerciais, que são qualificados de "arquivos de seres humanos", "prateleiras humanas", "tarefa inglória de empilhamento". BATISTA, Maurício N. *Edifícios Comerciais*. Revista Arquitetura IAB. Rio de Janeiro. nº50, Agosto de 1966.

Rio de Janeiro. nº 50, agosto de 1966). Para Mindlin, isso ocorreria somente quando da ausência da ação dos arquitetos. Uma cidade bem planejada e um edifício bem projetado resultariam num conjunto que ofereceria ao usuário conforto físico e mental.

As edificações, pensadas como mantendo uma ligação “simbiótica” com a cidade, precisariam, elas próprias, colaborar diretamente para o sucesso econômico da sociedade como um todo. Fosse uma sede de empresa ou um edifício comercial construído para um “especulador”, o essencial era a constituição de uma boa relação entre o custo de construção e o lucro que poderia ser aferido a partir do uso otimizado da edificação, sem que isso implicasse a redução de conforto para o usuário. Ou seja, não haveria para Mindlin conflito entre os objetivos econômicos e arquiteturais do projeto. Muito pelo contrário. “Bem interpretados, esses objetivos se identificam, para estabelecer as condições fundamentais do programa, permitindo que surja, afinal, obra de boa arquitetura” (MINDLIN, Prumadas, 1962, p:19).

Henrique Mindlin, em seu racionalismo e pragmatismo, parece entender que a torre moderna, ao conseguir abrigar as atividades humanas relacionadas diretamente com os avanços da racionalização, colabora na construção de uma sociedade mais democrática. Isso ocorreria tanto ao retirar da cidade sua função primordial de centro simbólico de poder e colocá-la principalmente como centro dedicado ao trabalho, quanto, com sua forma de *box*, ao tornar igualmente importantes e indiferenciados todos os lados da construção⁶, negando assim antigas hierarquias de diversas ordens — sem contarmos com a valorização dos aspectos de rendimento otimizado que tais edifícios ofereciam à nova organização do trabalho.

Portanto, podemos inferir que para Mindlin, ao contrário do julgamento feito por Bruand⁷, mais do que meramente se apropriar de certa visualidade moderna, a tipologia do edifício vertical era valorizada por representar a convergência entre o desenvolvimento da sociedade industrial e novas ideias arquitetônicas. Sua potência estaria tanto em seus aspectos pragmáticos quanto no simbolismo de uma nova sociedade baseada na evolução tecnológica, na qual essa tipologia passa a ser vista como o principal instrumento de tradução da interconexão entre conhecimento técnico-industrial e arquitetura. Para não sermos acusados de querer mitificar a ação de Mindlin, podemos assumir que a visualidade do arranha céu americano era, sim, importante. Porém, como símbolo da con-

⁶ Nesse sentido, vale destacar fala de Mindlin em sua tese sobre o Grande Hotel, na qual ele aponta para a relação entre a posição dos quartos e a ideia de democracia: “A exigência de exposição igualmente boa para todos os quartos [...] transformou-se num imperativo absoluto para qualquer projeto de hotel. Trata-se, sem dúvida, de consequência do processo de democratização [...]” – MINDLIN, Henrique. *O Grande Hotel – Notas sobre a evolução de um programa. Tese para concurso em Cátedra de Grandes Composições de Arquitetura, Faculdade Nacional de Arquitetura, 1962; p: 18.*

⁷ Em “*Arquitetura contemporânea no Brasil*”, Bruand coloca, indiretamente, a obra do escritório de Mindlin como mera cópia inadequada dos princípios miesianos (BRUAND, Yves. *Arquitetura Contemporânea no Brasil*. São Paulo: Perspectiva, 1982).

junção arquitetura e técnica, que deveria resultar em avanços de amplo aspecto para todos – inclusive para o próprio escritório, que, como vimos, ao romper com os excessos plásticos da arquitetura moderna brasileira e introduzir novos conceitos arquitetônicos, assumia uma posição diversa daquela dominante no mercado. Como objeto tipo, onde o limite entre técnica e arquitetura se confunde, o edifício vertical isolado parece responder ao entendimento que Mindlin tem do lugar do arquiteto como mais uma engrenagem na grande cadeia produtiva moderna. Logo, o edifício em altura se configuraria não somente como uma realização arquitetônica, mas, principalmente, como uma convocação a uma ação conjunta, cujo principal resultado seria um engajamento de diferentes forças num movimento de implementação da lógica racional industrial na sociedade onde esse objeto tipo fosse erguido. Tal entendimento validaria todos os esforços feitos por Mindlin – e pelos demais arquitetos modernos – em trazer para o país processos construtivos e componentes arquitetônicos ainda inexistentes na nossa precária indústria⁸.

Dentre as obras de Henrique Mindlin e seu escritório, que partem de estudos sobre a tipologia dos edifícios box, destacamos o projeto para um hotel, começado em 1953, em parceria com o Holabird & Root & Burgee que comporia o complexo Copan, em São Paulo; o Edifício Avenida Central, no Rio de Janeiro, de 1957, que parece estabelecer uma forte continuidade com as pesquisas desenvolvidas para o hotel paulista e que traz como grande novidade o uso da *curtain wall* para o fechando externo da edificação. O partido de um único bloco pousado no solo, tentado diversas vezes, chegaria a sua melhor realização, dentre as experiências do escritório, no projeto do BEG (RJ), uma torre de 30 andares na qual, por questões inesperadas, assume-se uma articulação próxima daquela proposta pelos arquitetos brutalistas, sendo que, dentro desse mesmo tipo de articulação, surgem depois o Edifício Sede do Jornal do Brasil, de 1965, no Rio de Janeiro, o Centro da Marinha Mercante, de 1967, também no Rio de Janeiro, e, também, o primeiro estudo para o Hotel Sheraton (RJ), de 1968.

Importante aqui assinalar que, trabalhando num campo ainda bastante artesanal, o escritório de Henrique Mindlin busca aprimorar sua ação ajudando a implementação de processos mais industrializados ao caminhar por certa padronização para suas próprias soluções arquitetônicas. Não só os procedimentos organizacionais do escritório e de representação gráfica dos projetos se padronizam, mas igualmente

⁸ Mindlin parece reforçar essa leitura ao incluir, em seu livro “Arquitetura Moderna no Brasil”, uma foto de *brise-soleils* já produzidos industrialmente no país, cuja legenda é: “*Brise-soleil* em alumínio produzido em série” (MINDLIN, Henrique. *Arquitetura Moderna no Brasil*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 1999; p: 34).



Figura 2
Edifício Sede Jornal do Brasil
Fonte: o autor

caminham por estudos tipológicos, pela repetição de soluções que se mostraram exitosas e pela ausência de uma valorização excessiva de variações formais. A partir de certo momento, o projeto se afina completamente às limitações do desenho mongeano. Curvas, cúpulas, ondulações, inclinações são permitidas unicamente nas obras de exceção – como nas Sinagogas do Rio de Janeiro e de São Paulo. Nos demais projetos, a predominância da linearidade e ortogonalidade é quase absoluta.

As soluções funcionais parecem buscar igualmente a determinação de certa standardização. Atingido um patamar de eficiência, uma organização é transformada em padrão a ser adaptado e, com constância, atualizado. Vemos a recorrência de articulações específicas, de organizações funcionais e, até mesmo, de acabamentos, sem que isso determine uma obra composta, em seu todo, de uma repetição monótona.

Depuração Formal como Urbanística

Para terminar nossa breve explanação sobre a ação do escritório Henrique Mindlin Arquitetos Associados, devemos destacar a relação que se estabelece entre procedimentos racionalizados para o campo da arquitetura, rigor de concepção e cidade.

Como já dito, arquitetura do escritório não procurava efeitos grandiosos e sequer “virtuosismos de prancheta”⁹. Próximos a um acento purista, buscavam uma depuração formal que seria alcançável através de um processo de síntese, integrando os aspectos funcionais, técnicos e também estéticos da arquitetura. Em outras palavras, a depuração que viabilizava a adoção de certa padronização, não determinava uma banalização, ou sequer uma desvalorização da obra. O que vemos é a tentativa sofisticada e árdua de equacionar a racionalização da produção com a manutenção de aspectos formais que correspondam à clareza racional proposta para os meios construtivos.

Vale, então, lembrar que não se trata de cópia dos edifícios americanos. Busca-se uma ordem formal racionalizada, o que não implica a expulsão da sensibilidade artística do campo da arquitetura — mas, que, tampouco, se confunde com a noção de originalidade e criatividade tão comuns no discurso dos arquitetos brasileiros da época. Apesar de suas críticas aos excessos “artísticos” e de certa exacerbação de individualidades que percebe na arquitetura da “escola carioca”, Mindlin acusa o entendimento da necessidade de se conjugar as dimensões técnica e artística ao propor que, na fase de concepção de um projeto, o arquiteto disporia somente da “sua capacidade de vibração, da sua sensibilidade, como criatura humana, para tudo que o cerca, do seu inato senso de medida” (MINDLIN: 1968). Podemos supor, portanto, que Henrique Mindlin não propunha a ausência de uma sensibilidade artística para o arquiteto, mas sim o entendimento de que essa sensibilidade seria comum a todo ser humano. O lado artístico, segundo ele inconsciente¹⁰, talvez devesse ser percebido como o resultado de uma contínua experimentação de tudo que nos cerca e não como uma condição de excepcionalidade no homem moderno e, sequer, como exibição vaidosa de individualidade. Assim, a presença de um caráter artístico na ação arquitetônica não mais estaria conectada à “expressão supostamente poética, aos valores de convenção que tão pouco se relacionam à angustiada presença da realidade que marca nosso século” (MINDLIN, “Discurso de agradecimento na Academia Brasileira de Arte”, Rio de Janeiro, Revista ABGB, 1968;

⁹ Expressão usada por MINDLIN em “A nova arquitetura e o mundo de hoje” (MINDLIN, “A nova arquitetura e o mundo de hoje” In: YOSHIDA et alii, 1974; p: 170).

¹⁰ “Na parte inconsciente da elaboração dos problemas com que se confrontam, na busca visceral, por vezes fácil e espontânea, quase sempre tateante e torturada da síntese integradora da obra, nada mudou [...]” (MINDLIN, H. E. *Discurso de agradecimento na Academia Brasileira de Arte*. Rio de Janeiro, Revista ABGB, 1968; p: 81).

p:82). Em direção oposta, voltar-se-ia para a solução das questões cotidianas práticas e objetivas, alimentando o processo racional com seu "inato senso de medida", como atividade contínua, possibilitando o alcance de sínteses que dessem conta de propor e revelar novas organizações da vida moderna – sempre em movimento, sempre propondo novos problemas – e não mais buscassem a expressão individual.

A síntese de técnica, aspectos funcionais e estéticos se manifesta no acerto proporcional, no rigor e na firmeza da "paginação" de suas obras; privilegiando a manutenção de volumetrias claras e bastante regulares — conseguidas a partir de articulações predominantemente ortogonais — constituem ordenações tão precisas que faz parecer banal atingi-las. O resultado são edificações que apresentam uma grande economia de meios, sem que isso represente, em geral, previsibilidade.



Figura 3
Edifício BEG - visto a partir da rua São José
Fonte: o autor

O caráter de plena abstração formal, obtido através da rigorosa economia de meios — que não dá lugar a “fetichismos da forma absoluta”¹¹, nem a lirismos regionalistas ou individualistas —, determina uma arquitetura desenraizada, que parece se estabelecer como um desdobramento do denominado, por Henry Hitchcock e Philip Johnson, *International Style*. Opondo-se à “arquitetura do sol” carioca e sem construir maiores conexões com o brutalismo paulista, parece ter como principal referência o pensamento bauhausiano já filtrado pelo pragmatismo americano. Podemos sugerir que sua principal interlocução seria com as metrópoles que surgiam no país, as quais pretende doar certa ordem abstrata. Não estamos propondo que a arquitetura de Mindlin e sua equipe tenha um caráter de urbanismo, mas sim que ela buscava uma compostura urbana, que se estabeleceria através da convivência da massa urbana construída com o rigor de suas torres. Ou seja, uma urbanística alcançável através da urbanidade da forma construída, que pode ser então pensada com uma forma civilizadora, como civilizador é todo o processo de racionalização.

¹¹ Expressão usada por Henrique Mindlin em seu discurso de posse na Academia Brasileira de Arte (MINDLIN, H. E. *Discurso de agradecimento na Academia Brasileira de Arte*. Rio de Janeiro, Revista ABGB, 1968; p: 80).

Conclusão

A verticalização, o adensamento, a exploração mercantil e ideológica de nossas cidades não foram determinadas pela ação dos arquitetos. Mas, tiveram neles articuladores importantes e, em diferentes graus, mais ou menos conscientes do avanço da racionalidade de dominação sobre a sociedade. Obviamente, não se pode negar que os espaços construídos dentro da lógica capitalista da produção e do consumo são espaços abstratos, primados pela razão estética e pela força das imagens, que parecem se tornar, eles próprios, mercadoria (LEFEBVRE, 1974). Porém, como Lefebvre aponta, são igualmente espaços envoltos pelas contradições da realidade à medida que são resultado de um somatório de forças sociais e culturais, traduzindo as diferenças e as particularidades contextuais. O que pretendemos aqui mostrar foi como certa forma de ação arquitetônica, guiada por uma organização de produção e de facção de projeto extremamente racionalizada, constituiu-se como parte importante do estabelecimento da paisagem e do espaço urbano atual, sem escapar, no entanto, de se estabelecer através de contradições.

No caso aqui exposto destacamos que Henrique Mindlin e seu escritório favoreceram os procedimentos de caráter racionalizador, constituindo, ao mesmo tempo, certo compromisso com as cidades onde construíram suas obras, através da crença na eficiência de suas

edificações e no rigor de sua visualidade, estabelecendo, portanto, uma espécie de projeto de urbanidade. A eficiência dessa urbanidade, que surgiria pela forma, resultava diretamente da interdependência entre a construção, a concepção do projeto, o controle de padronização da representação gráfica e a organização do escritório. Tamanha sistematização tinha como produto construções que expõem formalmente e funcionalmente o rigor que subjaz a todo o processo. É importante igualmente notar que esse grande esforço para o alcance de tamanha eficiência não era unicamente um processo de racionalização, constituindo-se, também, como garantia da manutenção de certo padrão de qualidade formal, que impediria que mudanças que ocorressem durante a execução ou a ação do usuário alterassem a visualidade total das edificações. Ou seja, a permanência de uma interlocução positiva entre as obras e a cidade (e, por conseguinte, o cidadão) estava determinada pelo rigor e articulações formais do projeto.

Para concluir, não podemos deixar de acusar que, afastando-se dos questionamentos surgidos no pensamento arquitetônico europeu desde o final da Segunda Guerra Mundial, havia no pensamento e na ação de Henrique Mindlin e sua equipe uma forte confiança nos valores modernos. Mas, tampouco podemos acusá-los de serem os únicos a manter tal crença. Afinal, até hoje, a crise da modernidade parece ainda não parece ter alcançado plenamente o campo arquitetônico brasileiro.

Referências

ÁBALOS, I.; HERREROS, J. *Tower and office: from modernist theory to contemporary practice*. Massachusetts: MIT Press, 2005.

BATISTA, M.N. "A cultura das cidades". Revista Arquitetura IAB. Rio de Janeiro. nº 50, agosto de 1966.

BRUAND, Yves. *Arquitetura Contemporânea no Brasil*. São Paulo: Perspectiva, 1982.
CARDOSO, F. H. *Empresário industrial e desenvolvimento econômico no Brasil*. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1972.

CÍRERO, Antonio. *Poesia e paisagens urbanas*. IN: CÍCERO, Antonio. *Finalidades sem fim*. São Paulo: Cia das Letras, 2005.

LEFEBVRE, Henri. *La production de l'espace*. Paris: Ed Anthropos, 1974.

MINDLIN, Henrique. *Arquitetura Moderna no Brasil*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 1999.

_____. *A arquitetura moderna no Brasil: passada, presente e futura*. Conferência pronunciada na ABI – Rio de Janeiro, out. 1969. In: YOSHIDA, C. B. et al. *Henrique Ephem Mindlin: o homem e o arquiteto*. São Paulo: Instituto Roberto Simonsen, 1975; p: 181-187.

_____. *O Grande Hotel: notas sobre a evolução de um programa*. Rio de Janeiro, 1962. Tese (concurso) - Cátedra de Grandes Composições de arquitetura, Faculdade Nacional de Arquitetura da Universidade do Brasil.

_____. *Prumadas de circulação em edifícios altos*. Rio de Janeiro, 1962. Tese (livre docência) - Cadeira de Grandes Composições de Arquitetura. Faculdade Nacional de Arquitetura da Universidade do Brasil.

_____. *A nova Arquitetura e o mundo de Hoje: conferência pronunciada na Escola de Engenharia Mackenzie*, 30 ago. 1945. In: YOSHIDA, C. B. et al. *Henrique Ephem Mindlin: o homem e o arquiteto*. São Paulo, Instituto Roberto Simonsen: 1975; p:165-172.

PRADO, L.C. D.; SÁ EARP, F. *O milagre brasileiro: crescimento acelerado, integração internacional e concentração de renda (1967-1973)*. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, L.A.N. (org.). *O Brasil Republicano: o tempo da ditadura: regime militar e movimentos sociais em fins do século XX*. Livro 4. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010; p: 207-242.

SENA BATISTA, Antonio. *Arquitetos sem halo: A ação dos escritórios M.M.M.Roberto e Henrique Mindlin Arquitetos Associados*. Tese. Departamento de História – PUC-Rio, 2013.

TOURAINÉ. Alain. *Palavra e Sangue: Política e Sociedade na América Latina*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1989.

YOSHIDA, C. B. et al. *Henrique Ephem Mindlin: o homem e o arquiteto*. São Paulo, Instituto Roberto Simonsen, 1975.

WEBER, Max. *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*. São Paulo: Martin Claret, 2004.